

MARXISMO E “GLOBALIZAÇÃO: AS ORIGENS DA INTERNACIONALIZAÇÃO MUNDIAL

O cerne não histórico, anti-histórico, do pensamento burguês,
surge em seu aspecto mais patente quando examinamos
o problema do presente como problema histórico.
G. Lukács

1. Introdução

G. Myrdal criticou a maquiagem que as expressões sócio-econômicas podem sofrer. Antes da Segunda Guerra Mundial falava-se em países atrasados, que os marxistas caracterizavam como coloniais e semi-coloniais. Após 1945 apareceram como subdesenvolvidos, mas com o tempo passaram a ser chamados de “menos desenvolvidos” e depois “países em desenvolvimento”. J.K. Galbraith igualmente ironizou o fato de que as instabilidades geradas pelo capitalismo fossem chamadas nos EUA de “crise” ou “pânico” no século XIX, “depressões” no início do século XX, “recessões” no pós segunda guerra, “ajustes de crescimento” recentemente e agora apenas “equilíbrios permanentes de desemprego”¹²⁴.

Segundo os neo-liberais “globalização”, expressão de uso corrente e maciço, é a novidade que explica o mundo atual. Pretende negar o jogo dos interesses nacionais e quanto aos países sub-desenvolvidos considera irrelevantes as relações centro-periferia intrínsecas ao sistema capitalista, relações que podem ser analisadas numa visão mais moderada (CEPAL) ou numa visão mais radical (marxista). Assim como ocorreu com subdesenvolvimento ou com crises econômicas, “globalização” não seria imperialismo disfarçado? O conceito de imperialismo, do início do século XX, foi atenuado para Economia-mundo pelos moderados (I. Wallerstein, G. Arrighi, etc) e mais adocicado para “globalização” pelos neo-liberais¹²⁵.

Atrás da visão edulcorada, vendida por atacado e a varejo, existe basicamente o esforço dos EUA para retomarem a hegemonia econômica e política desafiada pela URSS, pelo Japão, pelos não-alinhados, etc (1950-80). Reaparece a visão religiosa do *American*

¹²⁴ G. Myrdal, conform I. Sachs: *Desenvolvimento numa economia mundial liberalizada e globalizante*, 1997 e J. K. Galbraith: *Uma viagem pelo tempo econômico*, 1994, pp. 4 e 5.

¹²⁵ De 1945 a 1965 os estudos sobre imperialismo, protecionismo e monopólio quase desapareceram das universidades inglesas, reaparecendo no final da década de 60. M. Barrat-Brown, 1978, p. 13. A expressão “globalização” se generalizou nas revistas de administração de negócios americanos na década de 80. F. Chesnais, 1994, pp. 14 e 15 e adotada pelo G-7 em seguida.

Dream, incluindo a arrogância típica: “o que é bom para a General Motors é bom para a América. o que é bom para a América é bom para o resto do Mundo”¹²⁶. Entretanto o neo-liberalismo (e a “globalização”) é artigo de exportação dos EUA, mais do que de uso interno. A conversão de sátrapas tele-evangelistas, inclusive alguns “esquerdistas” arrependidos (Blair, FHC, Menen, etc), corresponde à perda de autonomia nacional no interior do império americano¹²⁷.

Certamente uma análise do último quartel do século XX, como qualquer tema relevante, encontrará três grandes interpretações: a dos neo-liberais, entusiasmados com a “globalização” e propondo “mais mercado”, o que inclui o desaparecimento do FMI, por ser inútil¹²⁸; os centristas querem dar um caráter mais palatável à “globalização”, combatendo seus efeitos perversos (I. Sachs p.exemplo); as posturas de esquerda partem da necessidade de uma análise concreta (múltiplas determinações), isto é, o estado das forças produtivas, bloqueadas no período depressivo do capitalismo (desde 1973) e das novas formas de relações de produção (toyotismo, por exemplo), os papéis do capital financeiro e do Estado na atual conjuntura, a próxima emersão da terceira revolução industrial, etc.

A partir de 1973, período que marca uma vitória importante, mas parcial, do capitalismo sobre o socialismo, alguns intelectuais de esquerda, baseando-se em idéias de Marx, passaram a acreditar de boa fé na “globalização” (O. Ianni, J. Gorender, entre nós). A idéia de revolução de Marx contribuiu para isto, ao imaginar vitórias simultâneas na Inglaterra, Alemanha e França, que tornariam o socialismo vitorioso à escala mundial¹²⁹. Assim como a revolução socialista permaneceu isolada na URSS por décadas, a primeira revolução capitalista ficou isolada na Inglaterra (Gromwell, séc. XVII), frente à hostilidade do feudalismo da Europa continental. As relações entre os fenômenos nacionais e mundiais não são tão simples e a transição de um sistema a outro é mais complexa e prolongada do que se imagina.

2. Gênese do mercado mundial

As cruzadas (séc. XI a XIII), em plena Idade Média, constituíram a primeira grande expansão feudal, militar, territorial e mercantil da Europa ocidental, incorporando cidades e

¹²⁶ G. Messadié: *A crise do mito americano*, 1989, cap. 5, ironiza a declaração de Charles Wilson, ex-presidente da General Motors e ex-secretário da Defesa dos EUA.

¹²⁷ I. Rangel chamou a atenção desde a década de 60 para os instrumentos do imperialismo no Brasil, certamente válidos para outros países: “desfaçatez da direita, imbecilidade das esquerdas e o déficit em conta corrente no balanço de pagamentos”, conforme D.D. Carneiro, in *O pensamento de Ignácio Rangel*, 1997.

¹²⁸ M. Friedman defendeu a extinção do FMI na última reunião da entidade, Isto é Dinheiro 01/10/97.

¹²⁹ K. Marx foi influenciado pelas revoluções de 1848, conforme I. Deutcher, no sentido de apostar numa revolução socialista simultânea na Europa.

regiões do Mediterrâneo oriental aos domínios da feudalidade européia e do capital comercial das cidades italianas. As importações de artigos de luxo da Ásia e do Oriente médio, regiões mais avançadas, feitas por Veneza, Gênova, etc, para abastecer os senhores feudais europeus, deles adquirindo cereais, são o primeiro comércio medieval a grande distância, resultando mais tarde na produção de manufaturas de tecidos de seda (substituição de importações) em Lucca (séc. XIII), em Veneza (séc. XIV) etc.¹³⁰

A mesma aliança entre capitais comerciais e senhores feudais esteve presente nas conquistas portuguesas no litoral atlântico africano (séc. XV) e nas grandes navegações do século XVI, que criaram pela primeira vez o mercado mundial¹³¹. As trocas comerciais envolvendo Ásia, África e América beneficiaram a Europa, e por isto o primeiro sistema colonial teve um importante papel na acumulação primitiva do capitalismo, e lançaram as bases das relações centro-periferia, inicialmente comandadas pelas monarquias feudais e pelos grandes comerciantes europeus. Nesta fase mercantilista foram implantados os impérios das nações européias, através de políticas estatais de conquistas militares e de monopólio colonial. Os comerciantes acumularam superlucros transacionando mercadorias de diferentes modos de produção e regiões do Mundo, como tecidos de luxo, chá e especiarias da Ásia, metais preciosos e açúcar da América, escravos da África, etc¹³². Desde os meados do século XVII, com a vitória da Revolução puritana na Inglaterra e o consiguiente alavancamento do modo de produção capitalista (Leis de navegação, etc), as relações centro-periferia no interior do antigo sistema colonial foram sendo gradativamente alteradas, com o crescente comando da produção manufatureira inglesa sobre o sistema colonial dos seus adversários europeus, nascendo assim o Império inglês em detrimento das colônias da França, Holanda, Espanha, Portugal, etc, e subordinando o capital comercial aos seus objetivos¹³³.

No final do século XVIII, após mais de um século de conquistas de novas colônias e zonas de influência, as manufaturas inglesas se defrontaram diante de alguns desafios: os

¹³⁰ A. Smith: *A riqueza das nações*, Nova Cultural, 1985, Livro Terceiro, cap.III e K. Marx: *O Capital*, Civ. Brasileira, 1974. Livro 3 cap. XX (observações históricas sobre o capital mercantil).

¹³¹ P. Vilar: *Le temps du "Quichotte"*, analisa o que chama de "o imperialismo espanhol, etapa suprema do feudalismo", Europe nº 121-122, 1956 e P. Anderson: *Linhagens do Estado absolutista*, Ed. Brasiliense, 1985, K. Marx considerou o século XVI como o início da era capitalista.

¹³² K. Marx: *O capital*, Livro I, cap. XXIV (A chamada acumulação primitiva), onde se assinala que o sistema colonial privilegiou toda a Europa ocidental, mas o proveito maior ficou com que teve o seu modo de produção feudal transformado em capitalismo por mudanças radicais nas relações entre servos e senhores, isto é, a Inglaterra.

¹³³ A expansão do capitalismo inglês não se fez apenas pela gradativa incorporação das colônias das demais metrópoles européias, mas também pela absorção de países europeus ao seu círculo de influência, como p. ex. Portugal (N.W. Sodré: *O tratado de Methuen*, ISEB, 1957), diminuindo as atividades artesanais e manufatureiras nas regiões dominadas.

salários aumentavam¹³⁴ e a penetração na Índia, já conquistada, exigia diminuição de custos. A primeira revolução industrial havia entrado na ordem das necessidades do capitalismo inglês e, uma vez em andamento, impunha o fim do antigo sistema colonial das metrópoles feudais européias (França, etc) e da escravidão na América (início do século XIX), isto é, a abertura de novos mercados.

3. *O capitalismo industrial, os ciclos longos e o aparecimento do imperialismo*

O sistema manufatureiro inglês se esgotou no final do século XVIII e deu origem à invenção (J. Watt, 1769/1784) e utilização crescente da máquina à vapor, mas enquanto existiu foi muito agressivo militarmente na conquista de colônias e zonas de influências, transformadas em mercados consumidores, entretanto muito conservador do ponto de vista técnico, semelhante ao sistema artesanal das corporações de ofício. Sua expansão foi tipicamente extensiva: mais e maiores estabelecimentos, que exigiam conquistas de maiores extensões territoriais¹³⁵.

A grande indústria rompeu com a rotina das manufaturas, revolucionando permanentemente as bases técnicas do capitalismo. Nas relações com os operários e com os concorrentes, a introdução de máquinas cada vez mais avançadas por parte dos capitalistas significava maiores lucros e maiores participações nos mercados. Mas a concorrência, que estimulava inovações tecnológicas, acabava provocando depois de algum tempo, investimentos excessivos e por consequência crises de superprodução. No período industrial, pós-manufatureiro, a acumulação capitalista passou a ser nitidamente cíclica¹³⁶, com fases expansivas e fases depressivas, em particular os ciclos decenais (Juglar) e os ciclos longos, de cinquenta anos de duração aproximada. (Kondratieff).

A Inglaterra havia realizado a primeira revolução industrial sozinha, distanciando-se das demais potências européias, assim como liderou a aplicação da máquina à vapor aos meios de transportes (locomotiva e navios) em meados do século XIX, na fase expansiva do segundo ciclo longo (1848-73). Assim, suas importações de matérias-primas cresceram extraordinariamente: 1) 4,4 milhões de toneladas de lã em 1820 para 22,2 milhões em 1840

¹³⁴ De 1640 a 1740 os salários mais do que duplicaram na Inglaterra, conforme C. Hill: *A revolução inglesa de 1640*, Ed. Presença, 2ª Ed. p. 17.

¹³⁵ P. Sweezy enfatizou o caráter conservador da manufatura: *K. Marx e a revolução industrial*, in *Capitalismo Moderno*. Ed. Graal, 1977, pp. 132-34.

¹³⁶ Os ciclos decenais foram sistematizados por C. Juglar em 1851-52 e os ciclos longos foram sistematizados por N. Kondratieff em 1924, na URSS. Ambos começaram com a revolução industrial e os longos têm a seguinte datação: 1º 1790-1815-1848, 2º 1848-1873-1896, 3º 1896-1920-1948 e 4º 1948-1973...

e 2) 18,6 milhões de toneladas de algodão em 1813 para 222,5 milhões em 1841¹³⁷ para atender sua condição de “fábrica do mundo”, exportadora de produtos industrializados, no comando da crescente divisão internacional do trabalho. Data de 1846 a abertura da Inglaterra às importações de cereais, que forçou a estabilização dos salários operários e o aumento da pressão pela adoção no mundo inteiro do regime de livre-comércio. Sua presença ao longo do século XIX pode ser medida pelo índice de produção industrial, que foi de 4 em 1790, de 7,4 em 1815 e de 100 em 1913, mas seu auge data de 1860-70. Seu monopólio tecnológico havia lhe garantido superlucros e obrigou seus concorrentes a se defenderem com o uso de tarifas protecionistas para alavancarem suas industrializações nacionais¹³⁸. Assim, em 1870 a Inglaterra, já em perda de velocidade, detinha 31,8% da capacidade industrial do mundo, contra 23,5% dos EUA, 13,2% da Alemanha e 10,3% da França. De 1871 a 1913 o comércio exterior inglês cresceu apenas 100%, enquanto o da Alemanha cresceu 255%¹³⁹.

Para se entender a queda da Inglaterra, a ascensão dos EUA e da Alemanha e a gênese do imperialismo é necessário levar em conta a concorrência intercapitalista no período 1873-1896, correspondente à depressão do segundo ciclo longo e ligada ao esgotamento tecnológico da primeira revolução industrial, baseada na máquina a vapor.¹⁴⁰

A Inglaterra começou a declinar como potência industrial de primeira grandeza no período depressivo 1873-96, quando compensou seu declínio com o reforçamento do poderio militar, a conquista de novas colônias e zonas de influência e o aumento dos seus investimentos no exterior. Seu envelhecimento industrial, que aparece nitidamente no período acima referido, está na base de seu imperialismo precoce: a City Londrina passou a ser grande praça financeira do mundo e em 1914 os investimentos britânicos no exterior

¹³⁷ Dados em libras-peso, in A. Marchal e R. Basse: *Économie politique*, tome I, PUF, 1956, p. 67, convertidas em toneladas. O crescimento extraordinário das importações de algodão pela Inglaterra estimulou o aumento da produção nas suas colônias e zonas de influência, inclusive no Sul dos EUA, onde a produção anual triplicou de 1801-05 a 1821-25, assim como triplicou novamente em 1841-45, tendo reforçado a escravidão e o livre-cambismo sulista, o que levou a tentativa de secessão da Carolina do Sul, em 1832, contra as tarifas altas de importação vigentes na União. Para a Índia as exportações inglesas passaram de insignificantes 914 mil metros em 1814 para 46,6 milhões de metros em 1835, equivalentes a 25% das manufaturas de algodão exportadas, enquanto as exportações de tecidos de algodão da Índia caíram de 1,3 milhão de libras-esterlinas em 1814 para 60 mil libras em 1844, cf Barrat-Brown, *After imperialism*, apud P. Santos: *El debate sobre el imperialismo*.

¹³⁸ P. Bairoch: *Commerce extérieur et développement économique de l'Europe au XIX siècle*, Ed. Mouton, 1976, estudou no capítulo III as políticas aduaneiras européias de 1815 a 1914, onde se percebe a relação entre pressões livre-cambistas e fases expansivas dos ciclos longos e inversamente pressões protecionistas em fases depressivas dos ciclos longos. A mesma relação é possível perceber no Brasil durante o século XIX, conforme N. Vilela Luz: *A luta pela industrialização do Brasil*, Ed. Alfa-Omega, 2ª Ed, 1978, cap. I.

¹³⁹ Os dados são de A. Marchal e R. Basse, op. cit. pp. 67-68. A. Siegfried: *La crise britannique au XX siècle*, A. Colin, 1975, indica o auge da Inglaterra em 1860-70 e o início da decadência em 1880, p. 15, citando o *Report of the Royal Commission appointed to inquire into the depression of trade and industry*, 1886.

¹⁴⁰ A primeira revolução industrial, com sua fase expansiva de 1790 a 1815, retomou fôlego com a aplicação da máquina a vapor aos transportes (1848-73), mas se esgotou em seguida, abrindo caminho à segunda revolução industrial, que começou em 1896-1920.

equivaliam a US\$ 19,5 bilhões, representado 50% do total mundial, seguidos dos investimentos da França (US\$ 8,6 bilhões), Alemanha (US\$ 6,7 bilhões), EUA (US\$ 2,5 bilhões) e os US\$ 2 bilhões da Holanda¹⁴¹. Os investimentos ingleses em 1914 estavam espalhados pelo Mundo todo, 47% deles dentro do império britânico, sobretudo no Canadá, Austrália, Índia e África do Sul e 53% fora do império, sobretudo nos EUA e na América Latina (Argentina, etc). Como dissemos, a presença mundial maciça dos investimentos ingleses contrastava com seu envelhecimento industrial: 1) de 1881-85 a 1911-13 a produção mundial de manufaturados cresceu 310% e a inglesa 162% e a exportação mundial de manufaturados cresceu 239% e a inglesa 175% (diminuição do comércio internacional em relação à produção); 2) a parte da Inglaterra no comércio internacional de manufaturados caiu de 37,1% em 1883 para 25,4% em 1913; 3) em 1913 as exportações industriais alemãs eram de 23,9% têxteis, 28,9% metais, 17,7% máquinas e 14,4% químicos, enquanto para a Inglaterra os têxteis representavam 48,8%, os metais 16,7%, as máquinas 10,0% e os químicos 5,1%¹⁴².

O retorno ao padrão-ouro após a Primeira Guerra Mundial tornou a economia britânica ainda menos competitiva e suas exportações totais no comércio internacional caíram entre 1913 e 1929 de 13,1% para 9,87% e, assim, a Inglaterra se viu forçada a desvalorizar a libra em 1931 e o Acordo de Otawa (1932) criou uma zona de trocas protegidas dentro da Commonwealth: as exportações passaram de 18,2% a 30,2%¹⁴³. A Inglaterra foi sendo obrigada a reduzir sua presença mundial (meados do século XIX), cada vez mais à Commonwealth após 30 e recentemente à Europa, onde não é potência líder. Na verdade hoje ela faz parte da zona de influência dos EUA, subordinação que começou no início do século XX e foi se acentuando cada vez mais.¹⁴⁴

Em resumo, a Inglaterra teve até 1870 o monopólio da primeira revolução industrial e do comércio internacional. Com a crise de 1873, os mercados internacionais sofreram uma contração decorrente inicialmente da queda do crescimento econômico e logo

¹⁴¹ Note-se que em 1873 a balança comercial inglesa já era deficitária (56,3 milhões de libras), mas seu balanço de pagamentos era superavitário em 81,3 milhões de libras; em 1896 déficit de 137,9 libras e superávit de 56,8 libras respectivamente; em 1913 déficit de 131,6 Libras e superávit de 224,3 Libras; em 1931 déficit de 407 Libras e superávit de 70 milhões de Libras; isto é, as rendas de investimentos no exterior e as demais rendas invisíveis não eram mais suficientes para cobrir o déficit da balança comercial, conforme B.R. Mitchel e P. Deane, *Abstract of British Historical Statistics*, in R. Marx, *Le déclin de l'économie britannique*.

¹⁴² A. Marchal e R. Barre, *op. cit.* p. 67 e seguintes; R. Marx: *Le déclin de l'économie britannique*, p. 18 e seguintes; R. Smith: *The British economic crisis*, p. 55 e seguintes.

¹⁴³ A. Marchal e R. Barre, *op. cit.*, p. 74.

¹⁴⁴ J. McMillan e B.Harris: *A invasão econômica americana (The american take-over of Britain)*, Ed. Expressão e Cultura.

depois, por causa das medidas protecionistas nacionais¹⁴⁵, os industriais ingleses do setor têxtil, siderurgia, construção ferroviária e naval, etc, usaram suas crescentes sobras de caixa decorrentes da nova conjuntura depressiva, que diminuiu os lucros e as oportunidades de investimentos, para adquirir o controle dos bancos, até então comerciais e de empréstimos. Esta fusão reforçou o setor industrial inglês e garantiu a realização da agressiva política de conquistas de novos territórios coloniais (África, etc), visando a manutenção de seus super-lucros monopólicos, ameaçados pela nova conjuntura.

Assim sendo, os capitais ingleses fluíram ao exterior com o objetivo de intensificar a divisão internacional do trabalho sob seu comando: 1) controle das matérias-primas coloniais (corantes naturais, por exemplo), à escala mundial, como fornecedor privilegiado, 2) controle dos mercados de produtos industriais (têxteis, por exemplo), mantendo uma política anti-industrializante nas colônias e semi-colônias, 3) construção de ferrovias, portos, cabos submarinos, serviços urbanos, ampliação da marinha mercante e de guerra, etc 4) empréstimos aos governos dos países carentes de capitais ou em dificuldades financeiras.

A tradição secular em política colonial inglesa foi assim intensificada no último quartel do século XIX¹⁴⁶, originando, aliás, empresas com ramificações mundiais como a ICI, a Shell, a Lever, etc. Mesmo após a Segunda Guerra Mundial, planos para o plantio maciço de amendoim (servindo à produção de margarinas, etc) foram implementados no Quênia, Tanganica e Rodésia do Norte, envolvendo a *Overseas Food Corporation*, dependente do Ministro do abastecimento John Strachey¹⁴⁷.

Em 1913, no auge do seu imperialismo, a Inglaterra somava US\$ 19,5 bilhões investidos no exterior, contra US\$ 6,7 bilhões da Alemanha e US\$ 2,5 bilhões dos EUA. Os investimentos ingleses no exterior localizavam-se nos EUA (20%), Canadá (13,6%), Austrália e N. Zelândia (11%), Índia (10%), África do Sul (9,8%), Argentina (8,5%), Brasil (3,9%), Rússia (2,9%), etc e consistiam em ferrovias (41%), empréstimos governamentais (30%), empresas de mineração e financeiras (10%), indústria e comércio (6%), serviços

¹⁴⁵ As políticas protecionistas começaram na Europa continental em 1877 na Rússia, Áustria e Espanha, em 1878 na Itália, em 1879 na Alemanha e em 1881 na França, reunido nestes países interesses industriais e agrícolas, estes últimos prejudicados pelas crescentes importações de cereais de além-mar. P. Bairoch, *op. cit.* pp. 48 e 49. Também no Brasil houve retorno à tarifa fiscal e protecionista de 1879, coincidindo com o período depressivo mundial, quando começou verdadeiramente a industrialização brasileira. N.V. Luz, *op. cit.*, p. 55.

¹⁴⁶ O termo imperialismo foi usado pela primeira vez nos anos anteriores a 1880, por autores e administradores britânicos favoráveis ao fortalecimento e expansão do império colonial, conforme G.W.F. Hallgarten, *Imperialismus von 1914*, apud P. Sweezy, *op. cit.* p. 102.

¹⁴⁷ *La politique coloniale de la Grande Bretagne, La Documentation Française*, Net ED nº 1411, 1950 p. 5 e seguintes. É verdade que os EUA na mesma época organizavam o abastecimento de açúcar a partir de suas áreas coloniais e semi-coloniais (Cuba, Filipinas e Porto Rico). Curiosamente J. Strachey, marxista na década de 30 e crítico da exploração colonial inglesa (*Natureza de las crisis*, FCE, 1939), tornou-se revisionista logo depois (*El fin del imperio*, FCE, 1962), como outros anteriormente e posteriormente.

públicos (5%), etc, devendo enfatizar a importância dos investimentos em ferrovias e a quase ausência de investimentos industriais¹⁴⁸.

Paralelamente à extroversão inglesa no período 1873-1896, a Alemanha e os EUA caracterizaram-se neste período por uma forte industrialização interna, poucos investimentos no exterior e liderança nos ramos emergentes da segunda revolução industrial, pouco expressivos na Inglaterra, como equipamentos elétricos, motores à explosão, indústria química, alumínio, etc.

4. A guisa de conclusão: “globalização” ou nova etapa do imperialismo?

Quando N. Bukharin e W. Lenin escreveram seus livros sobre o imperialismo, durante a primeira guerra mundial, conheciam a referência de F. Engels à chamada grande depressão do final do século XIX, mas não tinham conhecimento da existência dos ciclos longos, descobertos por Kondratieff na década de 20¹⁴⁹, o que não impediu que suas análises permanecessem mais profundas do que daqueles historiadores que entraram em contato posteriormente com tal idéia.¹⁵⁰

É curioso assinalar que no debate contra as posturas revisionistas da 2ª Internacional, Lênin elogiou a observação sobre o “ultra-imperialismo” de Kaustsky, como tendência futura do capitalismo, mas na realidade concreta do início do século tratava-se de imperialismos agressivos uns em relação aos outros na disputa pelos mercados. A tendência das gigantescas fusões de hoje em dia assinalam a possibilidade do aparecimento dos primeiros cartéis globais, como nas previsões da existência provável de cinco ou seis grandes operadoras de telecomunicações em 2005-2010, ou de cinco ou seis grandes montadoras automobilísticas, etc. A “globalização” como ideologia que se vende e se impõe aos povos oprimidos é basicamente o projeto econômico-político americano de liderar o ultra-imperialismo futuro. E isto nos interessa?

¹⁴⁸ H. Feis, *Europe, the world's banker*, 1870-1914, apud R. Marx op. cit. p. 21 e Barratt-Brown, *After Imperialism*, quadro VIII, apud P. Santi, *El debate sobre el imperialismo...* p. 40.

¹⁴⁹ N. Bukharin: A economia mundial e o imperialismo (esboço econômico) e W. Lenin, O imperialismo, fase superior do capitalismo (ensaio de vulgarização), 1915 e 1916 respectivamente. Após a revolução W. Lenin nomeou N. Kondratieff chefe dos serviços de estatística econômica da URSS, quando dirigiu a equipe que descobriu os ciclos longos, após exaustivos levantamentos em publicações especializadas inglesas, alemães, francesas e americanas, daí resultando a paternidade que lhe atribuiu J. Schumpeter, em *Business Cycles*, 1939. Para Schupeter analisar os ciclos significava analisar o processo econômico capitalista e que eles não eram como as amígdalas, separáveis do organismo vivo, mas sim essenciais, como as pulsações do coração. Op. cit. Prefácio.

¹⁵⁰ E. Hobsbawn, trilogia das eras das revoluções, do capital e dos impérios, D. Landes, Prometeu desacorrentado, F. Mauro, História econômica mundial 1790-1970 e M. Niveau, História dos fatos econômicos contemporâneos, entre outros. W. Lenin percebeu que a livre-concorrência começou a ser abalada no período depressivo que se seguiu a 1873, dando origem aos primeiros cartéis industriais e bancários, que foram se fundindo gradativamente. Op. cit. p. 34 e seguintes.